

747

DEPOSITO LEGAL
JUN 1955



O Mensageiro



JORNAL ACADÉMICO DO LICEU D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do decreto 30.508)

Preço 1\$50 (avulso) — 1\$20 (assinatura)

Ano III, n.º 16

O nosso Padre Andrade foi escolhido para Bispo Auxiliar do Porto

É facto que não causa surpresa. Origina, por estranho que possa parecer, um misto de pena e de alegria. Na verdade, vamos sem dúvida deixar de ter aqui contacto directo com tão grande amigo nosso, mas, na nossa vida cristã, nasceu uma alegria e uma esperança, ao ver que é aquele a quem entregamos a nossa direcção espiritual que por Deus foi escolhido para missão de tão grandes responsabilidades.

Fazer aqui ressaltar as suas virtudes é coisa desnecessária, porque sabemos bem que ninguém melhor do que a Igreja pode qualificar os homens.

E se Ela escolheu o nosso Padre Andrade, para esse alto grau na Hierarquia Eclesiástica, fortes e grandes motivos tinha para isso.

Aqui pouco ou nada se terá de dizer. Só a alma nos pode exprimir esse sentimento de alegria e de confiança; as palavras servirão apenas para escurecer a beleza transcendente dum facto que só ela sabe apreciar.

E por isso mesmo nada mais nos resta do que desejar as maiores felicidades a mais um Homem que, ao serviço de Cristo, encaminhará os homens até si.

Toda essa juventude que, consigo e a seu lado, deu mais um passo para as verdadeiras lágrimas desse vale, saberá, graças a si, chorá-las pelo nome Divino de Cristo.

E aqui fica o seu agradecimento.



O novo Prelado da nossa diocese nasceu a 9 de Abril de 1915, em Mosteirô, freguesia de Vila da Feira.

Aos doze anos, entrou para o Seminário de Vilar, mas foi no Seminário de Nossa Senhora da Conceição que acabou os seus estudos teológicos.

Foi ordenado a 31 de Outubro de 1937 pelo Sr. D. António de Castro Meireles, Bispo do Porto, nesse ano.

Uma semana depois, celebrava a sua primeira missa, na terra que o viu nascer

(Continua na página 8)

Noticiário

Secção dirigida por:
 ARANHA e M. H. de Almeida

Sonhos em vias de realização

A possibilidade da organização de sessões e exposições culturais cá no Liceu tem sido alvo de bastantes estudos e conjecturas. Porém, à medida que é possível dar-lhes solução, os problemas e entraves vão sendo a pouco e pouco vencidos. Desta maneira vão-se materializando algumas das mais importantes iniciativas, com o justo apoio do Ex.^{mo} Sr. Reitor e dos professores e alunos interessados. Assim, principiou já a exibição regular de filmes neste Liceu, como todos sabem.

Uma das ideias que mais continuidade tiveram é a que diz respeito à audição de sessões de música gravada, ou mesmo de programas radiofónicos com interesse. Como é do conhecimento de todos, realizaram-se no ano findo sessões de audição de obras de Strauss, Dvorak, Prokofieff e Ravel. Este ano, nos dias 12 e 19 de Janeiro, e com o apoio da Sr.^a Dr.^a D. Maria Rosa Plácido, efectuaram-se já sessões de audição de canções populares inglesas, segundo textos previamente explicados e com discos gentilmente cedidos pelo Instituto Britânico. Estas sessões despertaram considerável interesse, e sabemos que o Sr. Dr. Baltazar Valente já fez diligências para que se realizem sessões análogas com canções francesas. Destes idiomas se passará a outros. Prevêm-se também audições com «lieder» de Schubert, Schuman, etc. com textos corais (incluindo, por exemplo, a 9.^a Sinfonia de Beethoven); com declamações (por exemplo, excertos do Hamlet, por Lawrence Olivier); uma série de audições ilustrativas de um curso resumido e voluntário de História da Música, etc.

Para a efectivação destas sessões podemos desde já contar com a próxima aquisição, por parte do Liceu, de um rádio com «pickup», e, talvez mais tarde de uma discoteca. A compra, que o Sr. Reitor decidiu fazer, de um microfone possibilita a realização de programas musicais explicados no salão. Está constituída uma comissão organizadora dos ditos programas, de que fazem parte: Pedro Brito, José Fernandes, Carlos Morais, Reinaldo, Ribeiro dos Santos, Nobre, Vilas Boas, Maria Cândida, Maria de Castro e António Costa. Está visto que a utilidade prática dessas sessões seria enorme. Além da possibilidade de se ouvirem programas, tanto em emissoras portuguesas como estrangeiras, o que auxiliaria bastante o nosso estudo linguístico, por meio do «pick-up» poder-se-iam organizar programas com o Linguaphone, com música tanto popular como sinfónica, peças dramáticas ou declamações e recitativos, etc. Todos os que estejam interessados em qualquer destes projectos devem procurar os membros desta comissão. Os problemas imediatos

(Continua na página 11)

Exposição Filatélica

Organizada por um grupo de filatelistas, alunos do liceu D. Manuel II, realiza-se, em data a designar, e patrocinada pela Secção cultural do Centro Escolar n.º 7, uma exposição filatélica no referido liceu.

REGULAMENTO

I

Colecções a expor

Colecções de selos postais ou outras fórmulas de franquia oficial, ensaios, provas, reimpressões, marcas postais, carimbos, erros, inteiros postais e literatura filatélica:

- de Portugal
- do Ultramar Português
- do Estrangeiro

Nota: Será aceite qualquer colecção com qualquer modalidade, com o fim de permitir o maior número de expositores.

II

Expositores

É admitido como expositor:

- Todo e qualquer aluno do Liceu de D. Manuel II;
- Qualquer expositor de honra, que a organização convide.

III

Organização e apresentação das colecções

A

Cada expositor:

- Apresentará a sua colecção da maneira que quiser (folhas de álbum, de papel milimétrico, envelopes de seda, caldeiras, etc.).
- Deverá ele próprio colocar a sua colecção, por motivos de estética e de responsabilidade.
- Terá as despesas dum possível envio ou apresentação a seu cargo.
- Deverá entregar uma relação do que apresenta, que será devidamente conferida.

B

- A vigilância só será assegurada pela Comissão Organizadora, no local onde a Exposição se realizar.

IV

Júri e Prémios

- O Júri será oportunamente constituído e anunciado.
- O seu critério actuará sem recurso possível.
- Os prémios serão também anunciados brevemente.

(Continua na página 9)

O Mensageiro

Professor orientador: DR. DIAS DA SILVA

CORPO ADMINISTRATIVO

Sousela Brito (centralizador)
 Aloísio Lobo (centralizador)
 Sarsfield Cabral
 Xavier Pacheco

Carlos Morais
 Mota Freitas (tesoureiro)
 Manuel Santos (aj. de tesoureiro)

Desportos

Secção dirigida por:
FALCAO, Madureira Nobre, Bragança e Ribeiro dos Santos

Oquei em Patins

CAMPEONATO REGIONAL

Resultados dos desafios entre o «nosso Liceu», e outros colégios ou liceus:

1.º JOGO

Liceu D. Manuel II — 14
Escola Industrial Infante D. Henrique — 1

2.º JOGO:

Liceu D. Manuel II (a)
Colégio João de Deus
(a) Ganhamos por falta de comparência da turma do Colégio João de Deus.

3.º JOGO:

Liceu D. Manuel II — 6
Liceu de Alexandre Herculano — 3

O «nosso Liceu» é campeão regional com todo o merecimento. A «equipe» actuou dum maneira firme, mostrando bom conjunto, e uma técnica bastante apurada.

Andebol

Após o nosso liceu ter conquistado sem derrotas - em equipas A - e com um empate - em equipas B - o Campeonato Regional de Andebol de sete da M. P. passou a disputar-se o Campeonato Promocional. A contar para este a equipa B efectuou dois jogos: um - a meia-final contra o Colégio Nuno Álvares de Sto. Tirso; outro - a final - em que defrontamos o Liceu Nacional da Póvoa de Varzim.

O grupo B alinhou nestes dois jogos com a seguinte composição:
Tonecas; Abílio, Pintado e Barroso; Arnaldo, Diegues e Cerejeira. A suplentes Pascoal e Gomes.

MEIA - FINAL

Campo da Constituição.
Liceu D. Manuel II — 14
Colégio Nuno Álvares — 7

(Ao intervalo 8 - 4)

A nossa equipa apesar de ter estranhado o solo escorregadio, devido à chuva, conseguiu uma honrosa vitória que lhe permitiu a passagem à final. Não repetiu, é certo, as exhibições anteriores mas mostrou-se a equipa mais homogénia. Salientaremos: Barroso, esteio da Equipa e Tonecas que apesar de ter consentido sete tentos em nenhum deles foi culpado.

Arbitrou o sr. Edgar Fernandes

FINAL

Campo do Salgueiros
LICEU D. MANUEL II — 9
LICEU DA PÓVOA DE VARZIM — 1
(ao final do 1.º tempo 1-1)

Os nossos jogadores com a exhibição que fizeram na 2.ª parte em que demonstraram um andebol rápido, gracioso mas ao mesmo tempo prático, alcançaram um merecido triunfo que talvez, peque por um tanto pesado.

Os nossos adversários aceitaram a derrota sem azedume e antes com desportivismo. Salientaremos: Tonecas que mais uma vez se mostrou seguro, Pintado que deu provas do seu forte remate e Pascoal nos períodos em que jogou. Com este resultado passamos ao Campeonato Nacional.

Serviu de árbitro o sr. Edgar Fernandes.

—/—

Por sua vez a equipa A apenas efectuou um jogo no qual defrontou o Colégio Nuno Álvares de Sto. Tirso.

FINAL

Campo do Salgueiros
LICEU D. MANUEL II — 6
COLÉGIO NUNO ÁLVARES — 1
(ao intervalo 2-1)

Iguamente neste prélio o nosso grupo só assentou o seu jogo na 2.ª parte em que marcou quatro bolas sem resposta. Este resultado deu-nos não só uma justa vitória como também a garantia da nossa participação no Campeonato Nacional.

Para este jogo alinhamos com:
Padrão; Morais, Paixão, Carlos Alberto; Loureiro, Tony e Armando.

A suplentes: Vaz Pinto e Alcino.

Destacou-se especialmente Padrão, bastante seguro. Os restantes equivaleram-se.

A arbitragem esteve a cargo do sr. Edgar Fernandes.

Armando Almeida

No seu próprio interesse faça as suas compras
na

PAPELARIA

Livraria - Tipografia



PERFUMARIAS E

Artigos - Fotográficos

Rua de Serpa Pinto, 44 - Porto

(Junto ao Liceu Carolina Michaëlis)

SECÇÃO DE VENDA E ALUGUER DE:

Artigos para cinema de Amadores, Discos-Amplificações
Sonoras e aparelhos de T. S. F.

Brindes a todos os compradores dum mínimo de 5\$00

Nota: Todos os estudantes portadores deste anúncio que fizerem as suas compras até ao fim do mês de Maio (próximo-futuro), além dos brindes normais, têm desconto nas compras que efectuarem na

Papelaria Queiroz

Picção

Secção dirigida por:
M. Fernanda, M. Aurora, M. Teresa Teixeira, Odete
Luisa, MOTA e Clpião

A Vida

A vida o que será? — fo'ha a tombar,
que a tempestade leva num instante,
num frenético baile, estonteante
e a arrasta pelo chão sem descansar!

É uma estrela bela e fulgurante,
que, de repente, deixa de brilhar.
É uma corrente de água a saltitar,
que vai correndo até morrer distante . . .

É uma lágrima triste e cristalina,
uma pétala frágil de bonina,
uma hora fugaz do dia de hoje,

um rápido clarão que ao céu corre,
um suspiro que, inda no peito morre,
— pensamento que nasce . . . e logo foge! . . .

Francisco de Vasconcelos

Que somos?

Que somos na vida,
que queremos ser nela,
se a ilusão perdida
não vai atrás dela?

O que é que queremos
que o mundo nos seja,
se nós, nem ao menos,
somos que se veja?

Eu vou-me olhando
como num espelho
naquele lago brando
e ali vejo um velho!

E vejo esse rosto
que me olha defronte,
mostrando o desgosto
que me vinca, a fronte!

Mas para quê, pensar?
Mas para quê, viver?
Se temos de pagar
tudo no morrer! . . .

Manuel Daniel

Papelarias Araújo & Sobrinho, Sucrs.

Sede: Largo de S. Domingos, 50

Filiais:

R. Santa Catarina, 101 — R. dos Clérigos, 33

PORTO

Grande sortido de canetas de tinta permanente, desde 5\$00

As vítimas

Forte e alegre, já tinha as mãos calejadas de muito cavar a terra, agarrado à enxada de manhã à noite, mediante magros salários, que se convertiam em pouca quantidade do mais barato pão da padaria.

Era uma tarde de Verão. O Sol dardejava os seus incandescentes raios, abrasava a terra. O «Zé Colorado», não por vinho mas por mocidade vigorosa que trabalhos rudes tornavam saudável, amanhava as terras dum bem remediado lavrador. Da sua frente o suor caía em bicas, incessante. Dirigiu-se então à venda do patrão em demanda de água:

— Ó da casa, olé!

— Quem chama? Ah, é o «sor» José! Então que há?

— Vinha por uma gota de água, que ardo de calor. Não que este tempo só para o diabo! . . .

— Mas ó sor José, pode ser um perigo — objectou a senhora.

— Senhora Maria, não me negue, por favor, a gota de água.

A mulher encolheu os ombros, para se desfazer da responsabilidade do assunto, dando o copo de água, que o jornaleiro bebeu avidamente.

Era pelo fim da tarde. Uma penumbra começava a desenhar-se em torno da Terra. O Zé estava mal-disposto. Dir-se-ia a água ter-lhe feito mal! Quando despegou, foi para casa já bem doente, mas tentou fazer-se forte e quando entrou, simulava alegria. No entanto, à mulher não passou despercebida uma palidez não habitual nele.

— Ó homem, tu que tens!?

— Tu não estás boa, mulher! retorquiui.

Ela, perante aquela resposta, fechou-se, duvidando sempre do bem estar do homem.

Ele não comeu o caldo. Passou a noite mal. Ao outro dia veio o médico e, passados alguns dias, coube ao padre remi-lo dos pecados e sossegá-lo no fim da vida.

Deixou a mulher e três filhos desamparados do conforto do mundo. Se a casa onde viviam era má, agora ficou pior. Faltava o ganha-pão. A mulher começou então a ir trabalhar aos dias, e tinha que deixar os filhos novinhos à mais velha, com 7 anos. Eram uma verdadeira escala de idades, os da pobre mulher. Ao domingo ia para a igreja pedir esmola, acompanhada dos pequenitos. Estes, com a carne sumida no labirinto dos ossos, o cabelo grande, rotos e esfomeados, imploravam compaixão. Mas um dia estando, como habitualmente, a pedir à porta da igreja, foi presa por um guarda. Realmente não tinha o direito de pedir, mas as suas circunstâncias não olhavam a leis.

No posto da guarda ficou retida correccionalmente. E agora os filhos? Esta pergunta dirige-se à consciência de cada um de nós. E oxalá todos se fizessem a si próprios esta pergunta, cada vez que se dá um caso tão vulgar como este.

António Guedes Tavares Teles

Página dos mais novos

Introdução

Para que a vossa página se apresente de maneira acessível é necessária a vossa colaboração. Esta, até aqui, tem sido deficiente, e nós, organizadores, vêm-nos bastante embaraçados com as dificuldades que daí provêm.

Como deveis já ser sabedores, damos um prémio ao autor do melhor conto ou outra espécie de colaboração.

Esse prémio foi, depois de consultados os componentes da vossa página, atribuído ao aluno que apresentou os versos «AMOR DE MÃE».

Se quizerdes receber prémio análogo, que é um livro, não tendes mais que colaborar na «Página dos mais Novos», enviando-nos a vossa ajuda.

Cerqueira da Mota

Amor de Mãe

(Prémio da página dos Mais Novos)

Dizei-me, ó gentes da terra,
Se podeis contar ou não,
As graças que Deus nos manda
E os beijos que as mães nos dão.

Por mais áspera que seja,
Mais agreste e sem fulgor,
A fala da nossa mãe
É sempre um hino de amor.

Não me saem do coração
Os versos dum poeta eleito:
«Amor de mãe, quem tiver
Deve guardá-lo no peito».

Minha mãe: a minha sorte
Anda unida ao teu destino.
Por mais homem que me faça,
Serei sempre o teu menino.

António Joaquim Soares Freitas



**Porto Editora
Limitada**

★

Praça D. Filipa de Lencastre, 42
P. O R T O

★

Preço 70\$00

Secção dirigida por:

M. H. Baptista, Olga, M. H. Nogueira, M. Adelaide,
JOSÉ FERNANDES, Mota

Cid, o detective em: Os Assaltantes de Bancos

Leitoras e leitores deste jornal, o que vou contar-vos passou-se em Londres, capital de Inglaterra.

Num bar da capital, dois individuos de aspecto grosseiro conversavam em voz baixa. Eram eles: James Burton e John Smuller, ajudantes de Bill, chefe de uma seita, que alguns anos andava a ser procurada.

— John: — Que dirá o patrão quando souber que a empresa de ontem não deu resultado?

— Burton: — Olha, o que mais nos pode acontecer, é nós ouvirmos um sermão.

— John: — Bem, bebe lá mais um copo e vamos ter com o chefe.

Meteram-se num automóvel, que devia ser do tempo do arroz de quinze, pois era um velho carro todo desmantelado, e dirigiram-se para o esconderijo onde estava o chefe e, possivelmente, o resto do bando.

Na noite anterior, pela volta da meia-noite, eles tinham tentado assaltar uma ourivesaria, mas a policia apparecera-lhes e eles escaparam por muita sorte.

Entretanto, no esconderijo dos bandidos, furioso, Bill, o chefe, dava ordens. Eis o que ele dizia: — E hoje fiquem sabendo: devido ao mau resultado obtido a noite passada, têm de ir assaltar o Banco Internacional da Companhia Maritima. Mas cuidado, porque deve estar bem vigiado. Se a empresa não resultar, estamos perdidos, porque não temos dinheiro para sairmos daqui e facilmente seremos descobertos pelo famoso detective Cid, que a estas horas já deve estar ao corrente de tudo quanto se passou ontem.

Agora dêmos um salto para a esquadra onde Cid, o Detective, está a conversar com o chefe da policia.

— Cid: — Visto isso, vou procurar o refúgio dos bandidos.

— O chefe da policia: — Conto com a sua ajuda. Seja feliz, e boa tarde!

— Cid: — Boa tarde e até à vista!

À noite, nas traseiras do Banco Internacional da Companhia Maritima, os bandidos planeiam o assalto. Bill, o chefe, não estava presente.

Quando os bandidos tentavam arrombar a porta, eis que surgem Cid e uns vinte policiaes. Os bandidos tentaram dar luta, mas em breve foram vencidos.

Eis logo o diálogo que se travou entre Cid e os bandidos:

— Cid: — E agora toca a mostrar-nos o esconderijo do vosso chefe.

— Burton: — Bem se engana, se pensa que lhe vamos dizer o esconderijo dele.

— Cid: — Veremos.

— John: — Bill não é traído por nenhum de nós. Cid (olhando para os policiaes): — Matem-nos!

Mas logo Sexton: — Eu digo o seu esconderijo. E assim foi, Sexton levou-os ao esconderijo onde Bill, ao vê-los, exclamou:

Maldição, cai na ratoeira.

E assim Bill e o seu bando foram todos presos e Cid pôde gozar umas maravilhosas férias.

E é tudo isto leitoras e leitores.

Rogério Alberto Amaral da Costa

Ensaio

Secção dirigida por:

M. Cândida, M. Florinda, SEQUEIRA BRAGA, Carlos Moraes
Sarsfield Cabral, Alves Costa, Xavier Pacheco.

Uma interpretação do Progresso

Não entendo por progresso uma evolução para melhor, mas apenas uma adaptação crescente e constante da nossa inteligência à realidade que nos cerca.

Desde que o Homem pensa, a ideia, isto é, o resultado da elaboração da sua inteligência sobre os dados dos sentidos, envolve contradição, porque, por ser uma imagem incompleta que a inteligência tira da realidade, está constantemente em desacordo com esta.

Assim surge o problema: essa contradição pode ser solucionada definitivamente, ou não? Se dissermos que o Homem, com infinitésimo, não pode alcançar o infinito, e que o progresso é apenas a evolução que leva, ou levará, o Homem à compreensão de que não pode levantar essa contradição, estamos a cair num agnosticismo absoluto, isto é, na negação total da possibilidade do conhecimento.

Assim eu compreendo o progresso como a evolução da inteligência humana partindo da Física, e através da Biologia e da Psicologia, até à Metafísica, para que a contradição seja resolvida. Essa evolução será necessariamente partida da Física, porque pertence à Física o maior número de fenómenos que mais de perto nos tocam e impressionam, através da Biologia, a que pertence um grupo de fenómenos imediatamente mais complicados regidos por leis mais complexas e já matematicamente inexprimíveis, e da Psicologia, a que pertencem os fenómenos interiores do próprio Homem, para que, na fase final, o Homem possa especular sobre os dados que obteve nestes diversos planos de cultura, corrigindo a sua própria desadaptação ao mundo exterior por uma concepção mais perfeita de si próprio e do mundo.

Uma vez o Homem integrado nesta concepção, as consequências serão aquilo que vulgarmente se confunde com o próprio progresso: o Homem compenetrar-se-á de que é um aspecto, aliás consciente, da gigantesca orgânica do Universo e, pondo de lado tudo o que coloca o destino individual acima de todos os interesses da sociedade e da natureza, terá acabado com as inimizades, os ódios e as guerras, aspectos mais concretos e chocantes da própria contradição da vida.

Neste estado limite, o homem terá atingido o fim para que tende a sua evolução, isto é, terá atingido a perfeição absoluta, o próprio Deus.

Assim somos levados à descoberta de um erro na tese corrente: o Homem, sendo parte, terá de trabalhar como parte de uma máquina, não no sentido estritamente mecânico da palavra, mas no sentido do conjunto evolutivo formidável que é o Universo. Por outro lado, é também um exagero afirmar que a técnica é uma aberração, quando o que é aberração é o uso que dela se tem feito: a técnica é absolutamente indispensável para dar ao Homem as facilidades suficientes para lhe permitirem preocupar-se com um certo número de problemas fora do plano estritamente biológico. Se o animal não especula, é porque não criou ainda um número suficiente de técnicas que lhe permitam deixar de concentrar toda a sua atenção no «Struggle for life».

Assim, fisicamente apoiado na técnica, o Homem evoluirá desde a Física até à Metafísica, até se compenetrar absolutamente de que é apenas uma parte do Ente Supremo para que tende e que, como tal, a sua maneira de viver é cooperando, não só com os outros homens, mas com tudo que existe, com tudo o que é, na harmonia suprema do Universo.

Madureira

Paradoxos do nosso século

Pensar, raciocinar sobre os múltiplos problemas levantados pela actividade humana, quer de natureza espiritual, quer material, é primacial no homem. Evidentemente que é necessário para pensar correctamente uma cultura bem formada. Levar essa cultura ao exagero, é erro! Como exemplo: hoje em dia é vulgar encontrar-se sobre qualquer assunto um tratado repleto de milhares e milhares de citações. A erudição é útil e difícil; requiere certas aptidões (como paciência, etc.) e tempo, mas não basta. Ultrapassando esta mera acumulação de acontecimentos, temos o *PENSAR*, faculdade número um do ser humano.

Em resumo: o ideal seria uma cultura completa e *humanista*, como base de apoio e a origem de raciocínios, não só destrutivos, mas também construtivos. *Destruir é difícil ... construir ainda mais...*

Ao debruçarmo-nos sobre a nova «*Idade histórica*» a que alguns historiadores chamam, e não sem razão, a «*Idade atômica*» encontramos a boiar à superfície alguns paradoxos, característicos de uma época em ebulição. Estes contrastes não são de hoje; alguns tiveram origem na Revolução Francesa, acontecimento que transformou completamente a estrutura da civilização, quer no aspecto cultural, quer no técnico, quer no social.

Vejamos alguns mais evidentes, e de maior repercussão social:

a) — Podemos considerar a humanidade, em sentido restrito, como constituída pelo somatório dos seres humanos.

O homem, ser complexo, não pode viver sem o Absoluto. Para ele, o Absoluto é a sua razão de existir. Sem Ele, embrutece...! O seu Absoluto é que pode variar, desde o Deus do Cristianismo, à matéria do materialismo.

Transportando-nos do particular para o geral, do humano para a humanidade, somos levados a concluir que essa humanidade sem o absoluto, também embrutece.

Ora a civilização moderna é caracterizada pelo abandono do espiritual e pela deificação do material. Reflexos da Revolução Francesa e seus filósofos...: O acto de considerar o relativo Absoluto, é por parte do homem um erro, cujos efeitos são bem visíveis. Objectivemos: as consequências do «*cientismo*» do século XIX.

Pergunto eu então:

Depois do desenvolvimento a que chegou a ciência, estaremos nós homens, (compostos de corpos e almas) suficientemente desenvolvidos (o espírito também evolui?) em relação à evolução da ciência? Quer dizer: estará a «*nossa ciência*» ao nível das ciências da natureza?

Talvez não. Qual será então o futuro do espírito? Viremos a ser no futuro uns simples autómatos, puros «*robots*» da máquina?

Estas questões devem pôr-se, serem discutidas e solucionadas. Delas dependem o que há de mais sublime em nós — a alma.

b) — Outro aspecto paradoxal interessante: hoje em dia a educação tem sido um dos problemas que os Estados se têm esforçado o mais possível por resolver; a percentagem de pessoas cultas aumentou enormemente em relação às épocas anteriores; as percentagens de analfabetos são pequenas se as compararmos às que existiam anteriormente.

(Continua na página 9)

Portugal e a energia nuclear

O estudo da energia atômica, ou melhor, da energia nuclear, constitui o mais recente capítulo da Física moderna. É, por assim dizer, o fulcro sobre o qual convergem as atenções dos sábios de todas as nações. Estas atenções podem reverter para dois fins: um destrutivo, outro construtivo. É principalmente à luz do primeiro aspecto da questão, o destrutivo, que a humanidade está habituada a contemplar o grande poder encerrado no átomo; isto é reflectido nas trágicas explosões de Hiroshima, de Bikini e de Enivok. O aspecto construtivo está infelizmente pouco divulgado. Na verdade, as explosões a que fiz referência deixaram assinalada a passagem por onde fizeram sentir o seu efeito. Vem a propósito citar a opinião autorizada dos entendidos no assunto. Por exemplo o Sr. Edgar B. Adrian (Prémio Nobel da Física) afirma que «as explosões atômicas repetidas conduzirão a um grau de radioactividade tal, que ninguém poderá suportar e evitar»; ao passo que A. H. Sturtevant, um dos maiores biólogos da América, sustenta que devem ter aumentado as probabilidades de doenças cancerosas e de nascimentos monstruosos em resultado das últimas explosões termonucleares. O mundo deparou com um grande problema; realmente, se, como sustentaram recentemente certos sábios franceses, 10 explosões de bombas de hidrogénio constituem o limite absoluto para que a atmosfera do Mundo se sature de tal modo com matéria venenosa que seja impossível a vida na Terra, qual será o futuro da Humanidade? Uma notícia que há pouco li revela bem o estado radioactivo provocado pelas explosões atômicas já produzidas: «em matadouros de gado de S. Francisco, Memphis e Boston, foram abatidas reses com um grau de radioactividade muito superior à normal, em virtude de terem ingerido pastagens contaminadas».

Porém, não pensemos só nestas conseqüências, mas também nas boas possibilidades; isto é, nas incomparáveis vantagens da energia nuclear quando aproveitada para fins pacíficos.

Como se sabe, a energia nuclear tem actualmente 3 géneros principais de aproveitamento: como arma de guerra, como elemento de novas investigações científicas e como fonte de trabalho industrial. Nas conseqüências do 1.º género já falei; resta referir-me ao 2.º e ao 3.º.

Ao cabo de sucessivos estudos e ensaios, já se consegue aplicar a energia atômica a diversos fins. Na Medicina, por exemplo, utilizam-se as partículas de átomo com êxito. Têm uma aplicação preventiva, ou então como produto terapêutico. Assim se tem utilizado o rádio-fósforo, o rádio-cálcio, etc. para combater a leucemia, o cancro, etc. Na agricultura o átomo tem também aplicação; pensa-se utilizar o seu poder no melhoramento de certas colheitas, no combate a insectos e doenças de plantas, na produção de novas espécies e variedades, na conservação de vegetais durante muito tempo, etc.

Do mesmo modo se utiliza a energia nuclear a favor da indústria, com a sua aplicação para o melhoramento de qualidade de certos produtos, produção dos mesmos, etc. Porém é a aplicação do átomo à produção de energia que nos interessa mais profundamente. Com efeito, quando estivermos insuficientemente abastecidos de combustíveis, ou mesmo de energia hidráulica que acciona as actuais centrais eléctricas, ver-nos-emos na contingência de utilizar a energia nuclear na produção de energia. Para isto utilizar-se-ão «as centrais atômicas»; não se julgue que a estas simples palavras se associe a ideia de impossibilidade, pois já não é uma utopia, mas sim uma realidade

que já passou da fase laboratorial à fase da aplicação industrial. As grandes potências industriais já anunciaram, e continuam anunciando, a construção de centrais atômicas economicamente rendosas, embora nalguns casos a finalidade ainda seja, infelizmente, militar (submarinos, geradores para instalações do exército, etc.). Antes destas notícias, li na revista *Brotéria* um artigo em que calculava poder-se obter energia eléctrica de origem atômica a menos de 10 centavos o Kw. No entanto, com o progressivo aperfeiçoamento da técnica de captação, já se pode pensar em resultados ainda mais lisongeiros. E não pensemos que estas regalias pertencem apenas ao estrangeiro. Pelo contrário, Portugal é um dos países que mais facilidade têm de obter energia nuclear.

Esta tão discutida energia obtém-se actualmente a partir de dois produtos: o urânio e o tório. As reservas mundiais de urânio são relativamente elevadas: qualquer coisa como 3 vezes a do tório, tão grandes como as do cobre, maiores que as do mercúrio, iodo, prata e bismuto, e cerca de 1.000 vezes maiores do que as do ouro. É principalmente das rochas eruptivas que se faz uso para a extracção destes 2 elementos. Ao cabo de estudos ultimamente feitos sobre estas rochas, atribuiu-se para o urânio um teor médio de 7,5 g. por tonelada e uma percentagem correspondente, da ordem de 25 g. por tonelada, para o tório.

Os minérios uraníferos hoje explorados são bastantes: o principal é a pechblenda. Já conhecida antigamente, começou a ser usada quando das notáveis descobertas dos esposos Curie para a extracção do urânio com vista ao rádio. (Substância extraordinariamente cara). Basta dizer que já atingiu o preço de 5.700 contos o grama e que agora custa aproximadamente 700 contos. Portugal é um dos países produtores deste famoso elemento, tendo produzido já 35 g. Outros minérios de menos importância, como a uranite, cleveite, broggerite, bacquerclite, curite, autunite, torbenite, etc. e quanto ao tório, a toniarite, monazite, etc., são aproveitados para a produção de energia nuclear.

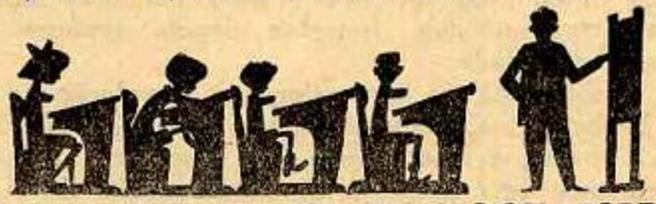
Como acima disse, Portugal figura entre os 6 países com maiores reservas de urânio: Os E. U., o Canadá, a Grã-Bretanha, Checoslováquia, Congo Belga, e particularmente Portugal. No nosso país, o principal centro extractivo é a Urgeiriça, situada na Beira Litoral. Os nossos minérios são tidos no estrangeiro como uns dos melhores do mundo. Basta dizer que foi com o minério português que os esposos Curie levaram a cabo as suas conhecidas experiências.

Como se depreende, Portugal encontra-se numa ocasião magnífica de poder afirmar de futuro o seu valor económico graças à nossa riqueza de urânio. Confiemos, portanto, no futuro da Nação Portuguesa. O que nos é necessário, a nós, Portugueses, é que o progresso e a concorrência entre os povos se faça pacificamente e sem egoísmos mesquinhos nem perda das riquezas nacionais. Para nós, quanto mais depressa vier a Era Industrial Atômica, melhor. Por isso fazemos ardentes votos de Paz.

Carlos de Campos Moraes

P A P É L I A

Tem para si um completo sortido de: ARTIGOS DE PAPELARIA



R. Santa Catarina, 125 - Telef. 21201 - PORTO

Impressões de Leitura

O Trigo e o Joio

Veio a público mais um romance de Fernando Namora.

Fiquei deveras impressionado com a leitura das primeiras páginas do livro. Quando julgava ir encontrar um romance de ardente emoção, um desses romances com verdadeiros momentos patéticos, um romance, diria, à Júlio Dinis (Fidalgos da Casa Mourisca, por exemplo), fui esbarrar com um género totalmente diferente, mais «vital», talvez mais «romance». No desenrolar da obra há um constante dualismo, uma constante luta, ou melhor, uma justa comparação e até oposição entre dois aspectos da vida: a realidade pura, tal como ela é, e o sonho, o ideal, a quimera.

Um pobre lavrador do Sul (Loas), de índole muito especial, índole que aliás é muito típica dessa gente melancólica da charneca e de que Namora nos dá uma visão completa, com um excepcional poder de penetração, tem um sonho, uma ambição, bússola da sua vida: ter uma parelha de machos, ou pelo menos uma burra (como já possuía) para que a sua courela voltasse aos dias prósperos. É essa a meta que ele quer atingir, e pela que faz todos os esforços. Depois de incalculáveis contratempos e adversidades, lá consegue comprar a burra. Atingira aquilo, que antes era simplesmente quimérico, realizara, ou antes, já a caminho da realização do seu sonho.

Mas, infelicidade! Maldita realidade! A burra tinha pertencido a uma senhora leprosa e contaminara toda a família. Vai consultar o virtuoso, que confirma a gravidade do caso, especialmente na sua filha, a Alice que, deve dizer-se, não obstante a proibição dos pais, até ia dormir com a burra, pois de há muito se associara ao sonho do pai. E Loas, perante a realidade, não sabe o que há-de fazer. Matar a burra? Mas talvez não seja necessário, pois pode ser que a gente da courela não tenha perigo! Tudo hesitações, ainda ilusões!

E de espingarda na mão, Loas não consegue disparar contra o animal, porque... simplesmente porque era o seu sonho. E é a mulher (nortenha e de psicologia muito diferente) que vence essa fraqueza e tomba a burra, fazendo-a sangrar.

Mas «já não era o sangue da besta. Era a courela que gemia um suor de agonia, um suor de sangue». Não era o sonho que caía. Era a própria vida que desaparecera, sem a força que o animava: o sonho, o ideal. Para confirmar esta ideia — a vida sem ideal é impossível, ou, se o não é, não merece o nome de vida — Fernando Namora apresenta-nos duas personagens, até certo ponto antagónicas: Barbaças e Vieirinha.

O Barbaças e o Vieirinha levavam a princípio uma vida muito semelhante, à mercê do acaso, mas o primeiro foi capaz de associar-se ao sonho de Loas, e então a sua vida modificou-se completamente: passou a ser mais digna, cada vez mais digna.

É de notar um aspecto curioso: Barbaças era facilmente influenciado e por isso, em dada ocasião se deixou arrastar pelo Vieirinha (que pelo contrário, a todos iludia com facilidade) para um acto indigno cujas consequências funestas depois reparou com toda a dignidade.

É sobremaneira impressionante a evolução da vida do Barbaças. Quando acabei a leitura de «O Trigo e o Joio» fiz a mim mesmo esta pergunta: Não será o romance uma tentativa de autobiografia do Autor? Fica em suspenso a resposta, pois não tenho elementos para tentá-la, sequer.

Secção dirigida por:

ALOÍSIO LOBO, Mário Daniel, Waldemar, Pedro Vilas Boas.

O romance apresenta características inteiramente novas, pelo menos para mim.

Namora tem, por vezes, uma linguagem um tanto audaz, com uma certa naturalidade que faz lembrar levemente certos trechos dos antigos «Nobiliários».

O Autor usa frequentemente a gíria e o calão; se isso diminui a pureza da linguagem, dá-lhe por outro lado, um cunho mais expressivo.

Outro pormenor curioso é a forma como o Autor faz o perfil psicológico das personagens. Nunca o traça por meio de longos parágrafos ou páginas mas sim, no próprio diálogo, o que se torna muito mais interessante.

A certa altura para nos revelar a «beatice» e a «bisbilhotice» de D. Quitéria fá-la perguntar ao Barbaças:

— «Tens rezado, Luís? Ele — o Loas — bate na mulher?»

Namora alude frequentemente ao tão discutido problema do Progresso, mas nesse ponto não fui capaz de descobrir se o Autor tenta fazer qualquer objecção pessoal, ou se, pelo contrário, é irónico para com aqueles que zombam ou fazem comentários, a meu ver, um tanto sem fundamento, ao desenvolvimento da Técnica. No entanto, vou mais pela segunda hipótese. Eis um desses passos, no qual Namora se refere a uma camionete que passa pela vila:

«Num repente uma névoa correu-lhe pelos olhos e Loas pôs-se a correr atrás do inimigo, que expulsara todas as parelhas da charneca, atirando-lhe as pedras que encontrava no caminho.

Mas da presença do mostrengo ia apenas ficando poeira e distância.

Poeira, fumo, que deixavam o Loas sufocado e escarnecido».

E, para terminar, uma questão de musicalidade.

Nos frequentes quadros da natureza Namora transmite-nos uma música numa toada monótona e pangente, que parecem identificar-se com a própria «mágia da planície». É aqui que se revela toda a sensibilidade artística do Autor, pois também a possui.

Aloísio Lobo

O nosso Padre Andrade foi escolhido para Bispo Auxiliar do Porto

(Continuação da página 1)

Antes de ser escolhido para director espiritual do Seminário de Vilar, foi aí professor de Literatura Portuguesa, Francês e Religião, além de outras disciplinas.

Da sua vida de escritor, poderemos citar, como exemplos de livros que publicou: «Acção e Sobrenatural — Perspectivas do Cristianismo Pleno» e «Da Formação do Sacerdócio».

Apresentou também a público um estudo apologeticamente, que se intitulou — «Apelos do Verbo — Respostas do Homem».

Colaborou ainda e frequentemente em vários jornais ou revistas. (*Lumen, Ordem*, etc.).

Tem apresentado teses em Congressos Católicos nomeadamente no Nacional do Apostolado da Oração (II).

Eis, em resumidíssima síntese biográfica, os 40 anos do novo Bispo Titular de Heliosebasse e auxiliar do Porto.

Arnaldo Owen Pinheiro Torres

Pedro

de Manuel Mendes

Numa pequena introdução, o Autor justifica o nome do romance dado à obra, que não oferece a unidade necessária para receber essa designação, e informa-nos da atracção que sempre teve pelos vagabundos.

Inicia-se o romance, e após a leitura dos vários capítulos que constituem episódios por vezes anedóticos da vida de um vagabundo, é natural ser-se invadido por um pouco de tristeza. É esta tristeza talvez provenha de sabermos que por este mundo existem tantos e tantos Pedros que, em piores circunstâncias que o deste livro, vagabundeiam solitários, longe da família e de qualquer affecto. A maior parte sofrendo mais do que o personagem que temos presente, porque não são, como eles, vagabundos «voluntários», mas vagabundos «à força».

Com effeito, é real a vida do pobre que sem casa calcurreia as estradas ao sol e ao frio, debaixo dos olhares hostis ou indifferentes de muitos, esperando uma còdea seca de alguns. Goza momentos de fugitiva e falsa alegria com os companheiros de infortúnio, delicia-se com a liberdade de que goza, lamenta a dureza dos homens e chora nas horas de melancolia e solidão. Finalmente morre, e pela primeira vez desperta a atenção da sociedade, que estremece de horror ao encontrar um cadáver.

É a história simples e rapidamente contada dos vagabundos, daqueles que preferem, no seu desejo insaciável de liberdade, a estrada aberta na sua frente ao trabalho rotineiro e duro do dia à dia. Lembra que eles são homens como os outros, nas suas fraquezas e na sua coragem e que o coração que bate sob os trapos sujos é igual a todos.

O livro poderia, porém, ganhar em realidade e em trágico, se, em vez de um Pedro que erra porque a sua índole assim lho pede, nos apresentasse um dos tão numerosos que por mais que procurem outro emprego para dar às mãos vazias, não encontram senão o de as meter no bolso. Este, a quem os homens vol-

taram as costas fechados no seu egoísmo e ciosos do seu bem estar, em todo o seu desespero seria mais digno de se tornar o herói do romance, mas o que não poderia, talvez, era rodear-se de poesia.

Não é este o aspecto que o Autor quer focar, pois que, como o diz, atraem-nos os vagabundos, mas os vagabundos por temperamento. Isto faz com que a obra se leia despreocupadamente, a rir muitas vezes, mas conservando sempre porém, um fundo de verdade, até mesmo na descrição da vida da sociedade que cerca o personagem. Como exemplo: a cena do interrogatório na policia o casamento da nova rica e as aturadas investigações judiciais quando aparece morto o corpo com quem nunca ninguém antes se preocupara.

Parece que o livro poderia ser de nível mais elevado, mas de qualquer maneira não deixa de ser interessante, até mesmo pela forma nova de que, como romance se reverte.

Maria Matilde Nunes Bento

Paradoxos do nosso século

(Continuação da página 6)

Pergunta-se agora:

Tem-se na verdade melhorado com esse aumento de cultura? Não, porque a cultura, a educação, traz consigo um conjunto de responsabilidades que são desconhecidas para uma grande parte das pessoas que se julgam cultas. Essas responsabilidades têm de ser conhecidas e se for necessário cumpridas, se não o que aprendemos não representa mais do que um simples cair de casa... A casa em si é para nós, um mistério.

Gostaria também de salientar a maneira como essa cultura, directa ou indirectamente recebida, é assimilada por nós. Duma maneira geral cultivamo-nos mecânicamente, não fazendo sobressair no nosso intellecto senão o aspecto respectivo.

O intellecto activo, que está em constante ebulição, esse é lentamente relegado para um segundo plano.

Além disso não sentimos intimamente o que recebemos, nem o que ensinamos. As doutrinas, para se tornarem realidade, precisam de ser vividas. Nós, os católicos, especialmente, devemos viver o mais fervorosamente possível a doutrina de Cristo.

A apatia e o desinteresse reinam por todos os lados. Considerarmos a cultura como algo útil e proveitoso, sem a compreendermos e vivermos.

Enunciei até aqui alguns contrastes característicos da nossa época.

Como se explicam?

Evidentemente a resposta pode ser dupla: ou não nos conhecemos, e, sob a máscara do desinteresse pessoal, apregoamos certas doutrinas que não sentimos nem applicamos, e então somos hipócritas, ou essas doutrinas não são, nem as verdadeiras nem as esperadas.

Mas a segunda hipótese não é viável, porque a educação, a cultura, a ciência, etc., são necessárias. Logo o erro está em desconhecerno-nos e então o «conhece-te a ti mesmo» Socratiano ganha plena actualidade.

Para principiar, devemos ser sinceros para connosco:

«Que as nossas palavras sejam: sim, sim, não, não; porque tudo que for mais do que isso será inspirado pelo Demónio».

(S. Mateus IV, 37)

Exposição Filatélica

(Continuação da página 2)

A Inscrição custará 10\$00. (Para se instituir o maior número de prémios possível).

Espera-se que todos ajudem esta iniciativa, e desde já se agradece.

A Comissão Organizadora:

Campos Morais (5.º A)

Francisco X. Pinheiro Torres de Meirelles (7.º A)

Henrique Sampedro Nogueira (7.º A)

Arnaldo Owen Pinheiro Torres (6.º A)

Por carta dirigida a este último, o Dr. J. A. Vasconcelos Carvalho, illustre Presidente do C. F. P., prometeu uma colecção de selos do Brasil, como sua oferta, e uma taça, como prémio «Clube Filatélico de Portugal».

Pede-se que todos os filatelistas interessados na Exposição, e que desejem nela participar, indiquem os seus nomes, num espaço de 15 dias, devendo para isso, dirigir-se a qualquer um dos organizadores.

Arnaldo Owen Pinheiro Torres

Sequeira Braga

História Ilustrada

Secção dirigida por:
Esmeraldina, PINA VIANA, Ventura da Costa, Sousela Brito.



Muitos de vós já ouviram falar de Virgílio. Sabei que se trata de um dos mais famosos poetas romanos, contemporâneo de Augusto. Conhecem-se três poemas da sua autoria: «As Bucólicas», «As Geórgicas» e um dos mais belos poemas épicos da Antiguidade — «A Eneida», que procura engrandecer o Império Romano, imaginando para ele uma origem divina. Romanizar era então sinónimo de civilizar, e este poeta procura engrandecer deste



modo a romanização do Mediterrâneo por Augusto. Atenção à história lendária que ele nos conta.

Num dia resplandesciente de luz, rompem as águas calmas do mar as naus dos Troianos, que, fugindo da guerra de Tróia, e comandados pelo seu rei Eneias, se dirigem à Sicília. Mas esta viagem tão calma é observada pelos maus olhos da deusa Juno, que, não querendo que Eneias chegue a Roma, se dirige a Éolo, rei dos



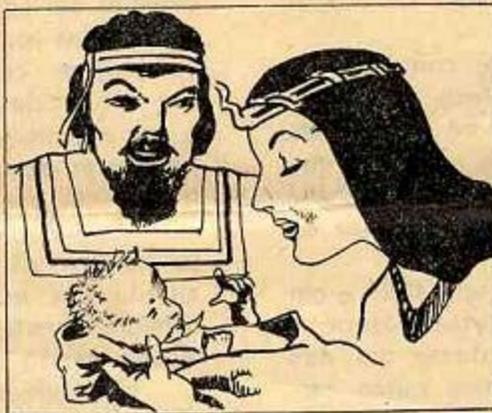
ventos, e pede-lhe que destrua a armada dos Troianos. Éolo solta os ventos e desencadeia-se violenta tempestade que vitimaria todos os Troianos, se, Neptuno, no fundo do seu reino, o mar, não os protegesse e os conduzisse a terra firme.

Nesta terra Eneias encontra a sua mãe, a deusa Vênus, que, depois de o ter envolvido numa espessa nuvem, o leva ao templo onde está a fundadora e primeira rainha de Cartago — a formosa Dido.



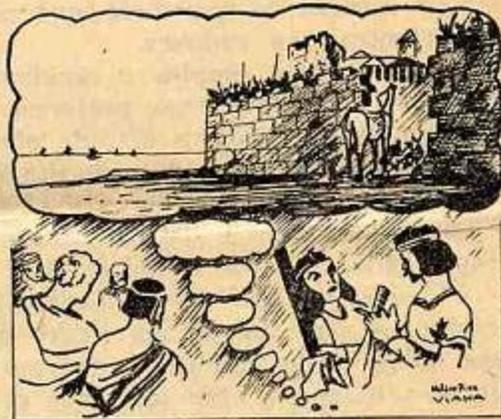
Dido recebe os seus súbditos, e, junto deles, Eneias vê os seus camaradas, Anten, Cesanto, Ilíoneo e outros. Ilíoneo diz então à bela rainha: «Divina magestade, somos Troianos e dirigimo-nos a Itália, mas uma tempestade impediu-nos de alcançarmos o termo da nossa viagem, e vitimou o nosso rei Eneias, e por isso pediamos-te que nos concedesses abrigo no teu país.

Dido respondeu-lhes que a fama dos



Troianos já tinha chegado ao seu país e por isso seriam bem recebidos e ia mandar procurar Eneias. Este, feliz por ouvir tais palavras e vendo-se livre da nuvem que o escondia aos olhos de todos, mostrou-se à rainha e agradeceu-lhe a sua generosidade.

Dido ordena que se organizem festas em honra de Eneias. Durante uma delas, Eneias, sentindo grandes saudades do filho, disse a Ilíoneo que lho trouxesse, mas,



Ilíoneo, em vez do pequeno Ascânio, traz Cupido — deus do Amor que tomou as feições da criança, e, quando Dido o tem nos braços, ele lança-lhe uma das suas invisíveis setas que vão despertar no coração de Dido um grande amor por Eneias. Encantada pela sua graça veronil, Dido pede-lhe que lhe conte os trabalhos que passou. É o que se segue:

«A guerra de Tróia durava já dez anos sem se decidir quando os Gregos



fingiram que se retiravam para a Grécia. Acreditando nisso, os Troianos abrem as portas da cidade e vêem um enorme cavalo de madeira junto à praia. Imaginando que fosse uma dádiva dos Gregos à deusa Minerva, apressaram-se a introduzi-lo dentro da cidade. Mas, pela noite, quando tudo dormia confiante, surgem na praia as naus gregas e de dentro do cavalo saem



os helenos que lá estavam escondidos e abrem as portas da cidade aos que chegavam à praia. A luta entre os Gregos e Troianos que recebendo o combate de surpresa, vacilaram, foi de grande intensidade. Eneias luta como um herói, mas em vão, porque o destino da cidade já estava decidido, e, seguindo a voz do fantasma do herói Heitor, que lhe aparecera e acon-



selhara a fugir da cidade perdida, Eneias arranca seu pai das chamas e, seguido do filho e de Creúsa, sua mulher, procura fugir e juntar-se à multidão de Troianos que conseguem salvar-se. Creúsa perde-se na multidão e Eneias regressa procurando-a, correndo como louco por entre o fogo e o sangue, mas em vão, porque Creúsa ficara sepultada no meio dos destroços.

Humorismo

Secção dirigida por:

M. Fátima, Maria do Céu, CARLOS BROU, Manuel Santos
Silva Pereira, Manuel Aires.

Memórias de um Detective

A noite estava escura e fria. Todos os foliões tinham ido embora, surpreendidos pela tempestade. Apenas se viam os vultos irreais (porque foi abolida a monarquia) de alguns feirantes que fechavam as portas das suas barracas do parque de diversões.

Eu, ao postigo da minha cave, numa escuridão cavernosa, dando ao cavaco com um vizinho que comia cavacas ouvi um som cavo do relógio da torre a dar as nove horas e meia. O meu vizinho foi para casa e eu para a rua, para espairecer.

Dirigi-me para o parque. Nisto ouvi: trás! trás! — Dois tiros! dizem de si para si as minhas células cinzentas. Parei à escuta. O silêncio era profundo. Corri para o local donde partiram os tiros, e o que vi era de fazer pôr os cabelos de pé a um careca: um homem caído no chão, muito hirto, gelado, duro, e verifiquei que nos meus hercúleos (modéstia à parte) membros anteriores vivia um cadáver!

Mas eis que os meus tímpanos vibram nervosamente. O que era?... um ruído estranho: roque, roque...

Dirijo-me para as barracas das rifas das panelas, donde o ruído vinha, e investigo. Desapontado, verifico serem dois ratos magricelas que estavam a roer uma tábua (não se aflijam que não era a de logaritmos...!)

Ao sair da barraca, vi um vulto embuçado que corria ao longo da via pública. A minha única arma era um velho canivete que encontrara no fundo de um poço. Com ele em riste, pronto a fazer fogo, corro para o vulto, que ágilmente salta para uma bicicleta e foge. Eu, rapidamente, deduzo ser ele o assassino. Corro para a minha potente mota de uma pileca de força. Enquanto procuro, em vão, pôr aquilo a trabalhar, o bandido passa velozmente por mim e consigo ver o revólver que lhe pendia da cinta. Parto atrás do homicida. Ao passar por uma cabine «telephónica» lembro-me de avisar o meu chefe (pois sou detective) do sucedido. Para cúmulo da «malapata», o «telephone» estava avariado, como é costume. Procuro outra, sendo bem sucedido, e lanço-me na perseguição.

A chuva caía impiedosamente, molhando-me todo. Ah! que se a chuva não fosse molhada, eu te diria. — penso de mim para mim. Nas curvas recupero terreno e vejo-o (espero que não troquem o *v* pelo *b*) a pedalar a toda a força. Vale-me o meu veículo ser a gasolina e o dele a «gás-à-broa».

Pergunto a um mendigo cego se tinha visto passar o assassino. Ele respondeu-me que sim, e mais, diz que ia com a cúmplice e que usava um impermeável negro e um chapéu estilo «frigideira».

Acelero os passos (das rodas). Parece que voou. Vou a uns 80 à hora e já percorri 30 km. Estou extenuado.

Daí a cinco minutos chegamos a uma cidade, de que não sei o nome (sempre fui um zero a geografia). Perdi de vista o bandido, e, como assim, como num hotel da cidade. Dormi sempre a pensar e a raciocinar sobre a solução que havia de dar ao caso, e no dia seguinte perguntei a um polícia se sabia onde se tinha alojado o senhor assassino. Indicou-me a «pensão 4+1». Fui em busca dela mas «viste-la? nem eu!». Afinal, segundo me informaram, houve um pequeno engano: em vez de «4+1» era «4-1» (bem me dizia o professor de matemática: «cuidado com os sinais»).

Depois de saber onde ficava a dita cuja pensão, para lá encaminhei os meus passos de detective astucioso, esperto e audaz.

Chegado lá perguntei o número do quarto do homicida. A dona da pensão, furibunda e rubra de cólera, berrou-me que não albergava gente com semelhante nome. Fiquei aborrecido com a história, (já no 3.º ano ela me aborrecia) e mostrei-lhe as minhas credenciais de detective.

Expliquei-lhe (devia cobrar-lhe 30\$00) que *homicida* quer dizer homem que mata homens.

Aflita, a boa mulher disse-me que, de facto, na véspera chegara à pensão um casal que pedira um quarto. Vinham todos molhados e correspondiam aos sinais dados pelo cego: chapéu à «frigideira», impermeável negro. Perguntei-lhe se seria o assassino. Disse-me que sim e que até pôs isso no livro de registo dos hóspedes (já é preciso ter «lata»...). Ela era loira e a idade que aparentava estava escondida por debaixo do «maquillage».

Satisfeito, agarro o telefone e ligo para o quarto deles. Quando atendem, digo, como tinha visto nos filmes policiais, antes de serem impróprios para menores de 18 anos, com o dedo apontado para o local «Seu bandido, seu este, seu aquele! Rende-te miserável assassino! Ele, facinora berrou-me: «Seu imbecil!» Eu, com a minha dignidade ofendida, respondo-lhe: «Vai chamar imbecil ao cão do teu revólver, e cão sidera-te morto com dois tiros de pistola!».

Do outro lado do fio, ouvi uma gargalhada cínica; e desligou.

(conclui no próximo número)

Fernando Pinto Ferreira

Sonhos em vias de realização

(Continuação da página 2)

quanto à parte de cultura musical são: planeamento de programas e convite a quem os explique e nos ajude a prepará-los.

Outra notícia com interesse diz respeito à secção Filatélica do jornal. Esta mesma secção, nomeadamente por intermédio do Arnaldo Pinheiro Torres, está empenhada em fazer cá no Liceu uma exposição de selos. Na página 2 poderão ler-se os resultados da mesma.

Além de uma exibição neste género, pensa-se fazer uma exposição de fotografias, pedindo-se desde já aos interessados que se dirijam à Redacção, a fim de, com a autorização do Sr. Reitor, se vir a construir a comissão respectiva.

Sabemos também que os Srs. Professores de Desenho estão interessados numa exposição de trabalhos plásticos, incluindo desenho infantil e caricaturas.

Por outro lado, a todos os interessados no nosso grupo cénico e em exposições de reproduções (de vitrais, iluminuras, pinturas, etc), pedimos que se dirijam à Sr.ª Dr.ª D. Maria Laura Figueiredo ou à Redacção, a fim de se iniciarem os trabalhos.

Estas últimas iniciativas também se encontram em vias de efectivação, prevendo-se que o ensaiador do grupo cénico seja o Dr. Correia Alves, que já no ano passado nos prestou um valioso auxílio.

Carlos de Moraes e Pedro Brito

Quebra Cabeças

Secção dirigida por:

M. Júlia, M. Adriana, JOSÉ LEÃO, César Augusto, Balacó, João Augusto.

É verdade que as respostas abundaram, umas bem, outras mal, embora estas últimas fossem poucas, mas o que faltou foram os cupões. Ora isso é que não vale! Que cada qual veja se não se esquece, porque senão... já se sabe.

Os concorrentes que acertaram, em número de 26, foram: João Moreno, Luís Beato, Arménio Ferreira, António de Melo, M. Luísa Oliveira, Fernando Rodrigues, J. Gordinho, M. de Fátima M., José Anibal P., M. Júlia Cardoso, João Araújo, José Mesquita, Alfredo Vergueiro, José F. Matutino, M. Emilia Monteiro, M. de Lourdes Taborda, M. Helena Vergueiro, M. Isabel Vergueiro, M. Teresa S. Vieira, Rosa M. da Silva, Luís Telles d'Abreu, M. de Fátima S. Gomes, Albino Carneiro e ainda três «morenas» (que se calhar nunca o foram...) de olhos sonhadores, de olhos negros e de olhos verdes.

Feito o sorteio na presença do Sr. Dr. Óscar Lopes, coube a sorte, e portanto o livro do costume, ao concorrente Albino Carneiro.

As respostas certas eram: 1) Marquês de Pombal, 2) Lamego, Leiria, Chaves, Coimbra; Covilhã; Tavira; 3) Filho de peixe sabe nadar; 4) Almeida Garrett; 5) Macarrão, e o ponteiro das horas.

Agora vamos às perguntas deste número:

1)

```

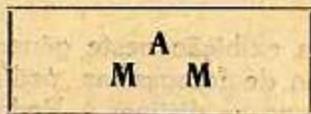
  O _ _ _ _ _
  M _ _ _
  E _ _ _
  N _ _ _
  S _ _ _ _ _
  A _
  G _ _
  E _ _ _ _ _
  I _ _ _ _
  R _ _ _ _
  O _ _ _ _

```

Preencher os espaços em branco com nomes de ruas do Porto.

J. L.

2) HIERÓGLIFO COMPRIMIDO



M. J.

3) CHARADA COMBINADA

TO — confuso;
 NHA — doença;
 MA — mania;
 DA — canção popular.

M. A.

CONCEITO — Devoção religiosa.

4) EM QUADRADO

```

  ... .. Possuir
  ... .. Agita
  ... .. Coragem
  ... .. Sem nós
  ... .. Singulares

```

C. A.

5) PERGUNTA À INTELIGÊNCIA

Quais são as principais dez coisas que compõem um cozido à portuguesa?

M. E.

As respostas pelo correio devem ser dirigidas a José Leão, R. Nogueira Pinto, n.º 201, Leça de Palmeira

Agradecemos, de novo, as zincogravuras que nos foram cedidas pela revista «Magnificat» e pelo jornal «O Diário do Norte».

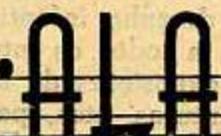
«O MENSAGEIRO» precisa de ti: colabora, arranja anúncios, vende exemplares, assiste às reuniões periódicas das secções, expõe as tuas inovações que permitam melhorar o teu jornal — não tenhas receio

Já agora, aproveito a ocasião para vos dizer que vamos adquirir várias fotografuras e zincogravuras, o que nos faltava para tornar o jornal independente. Por isso esperamos a vossa colaboração com fotografias e desenhos alusivos às secções ou a outros assuntos que gostáveis de ver tratados.

«O MENSAGEIRO» vai, em breve, estabelecer representações em vários colégios masculinos e femininos do Porto e da Província. Contamos, pois, convosco, esperando desde já proposta para essas representações, que em número próximo virão nomeadas no jornal.

Sousela Brito

SALA de ESTUDO



R. de Serpa Pinto, 73 - Tel. 43723 — PORTO

Modalidades de Ensino

Estudo diário — 17,30 às 10,30 para o 1.º e 2.º ciclos e orientado por Prof. de especialidade.

Cursos de explicação de qualquer disciplina de ensino Liceal Técnico.

Estabelecimento de ensino particular — Curso de admissão aos Institutos. Nesta cidade único no género.

Atenção: os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar.

CUPÃO 2